

2CCHLADLCVPLIC01**RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ABORDAGEM DO RACISMO DURANTE AULA DE CULTURA BRASILEIRA PARA ESTRANGEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Roncalli Dantas Pinheiro(1); Beliza Áurea de Arruda Melo(3)
Centro de Ciências Humanas Letras artes/ Departamento Língua Clássicas Vernáculas

Resumo

O trabalho descreve a experiência de uma aula de cultura brasileira ministrada para alunos estrangeiros, estudantes de língua portuguesa, enfocando o tema do racismo brasileiro contra a população negra e contrastando com o preconceito racial existente nos países de origem de cada aluno. Para tanto se optou por uma didática construtivista se utilizando de uma metodologia em que se preconiza os estudos culturais para uma aquisição mais eficaz da língua estrangeira, que para eles é o português. Os resultados foram satisfatórios, considerando o pouco tempo de residência no Brasil no momento da aula

Palavras Chave: PLE, interculturalidade, Racismo

Introdução

O ensino de cultura brasileira para estrangeiros na Universidade Federal da Paraíba está integrado ao PLEI – Programa Lingüístico Cultural para Estudantes Internacionais e vinculado ao Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas do curso de Letras.

O principal foco do projeto é proporcionar ao estrangeiro residente em João Pessoa uma comunicação eficiente em língua portuguesa, e, para tanto, o ensino de PLE (português como língua estrangeira) deve ir além da perspectiva lingüística estrutural, contemplando o universo cultural mais abrangente possível na qual se insere o aluno. Diante desta necessidade, é que se implantou uma disciplina específica de Cultura Brasileira no Programa do PLEI.

O programa da disciplina tenta abranger os aspectos da cultura brasileira e organiza os temas a partir da obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *O povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro em que se tem uma divisão dos estudos a partir da matriz indígena, do afro e do europeu, ressaltando a hibridização dessas raças na formação do povo brasileiro. O tema do racismo no Brasil foi abordado durante os debates em torno da cultura afro.

1) Língua, cultura e sociedade na sala de aula de PLE;

(1) Bolsista, (2) Voluntário/colaborador, (3) Orientador/Coordenador (4) Prof. colaborador, (5) Técnico colaborador.

1,1) A necessidade de expandir o ensino de língua para além da estrutura lingüística

A cultura consiste em manifestação múltipla, envolvendo as contribuições e realizações de um povo à civilização, tais como a música, a literatura, arquitetura, filosofia, culinária, bem como engloba um conjunto de características antropológicas que se referem ao cotidiano de um povo (Ferreira, 1998).

De acordo com Hymes (*apud* Ferreira, 1998), as estruturas culturais de uma sociedade e a língua correspondente estão intimamente relacionadas, sendo impossível o seu desmembramento. Esta idéia de Ferreira, em conformidade com o desenvolvimento do conceito de língua por Saussure (1910), a qual defende que a língua existe na coletividade, conclui-se, cientificamente, que ela é uma criação coletiva que produz um código dinâmico específico, condicionando a maneira do indivíduo de ver o mundo. Portanto, pessoas que vivem imersas em culturas diferentes, falando a mesma língua e, utilizando-se do mesmo léxico, pensam coisas distintas. Ora, uma vez que não existe uma leitura universal do mundo, da mesma forma que as línguas não são traduções de uma única realidade, surge a complexidade de apreensão da cultura para o estrangeiro.

Assim, adquirir uma nova língua não é apenas a aquisição de hábitos lingüísticos, ou seja, fonológicos, morfológicos e sintáticos, mas a apreensão de uma nova cultura, de uma nova maneira de pensar, e somente através da consciência desta complexidade é que o falante torna-se competente para uma comunicação eficaz entre culturas diferentes com a devida compreensão de outras cosmovisões.

Visando à apreensão prática de uma nova língua, Cantonet (*apud* Ferreira, 1998) defende que o aluno necessita apropriar-se de determinados conhecimentos, a saber:

- a) Conhecer a língua enquanto adequação na utilização da mesma, como, por exemplo, o emprego dos pronomes de tratamento.
- b) Conhecer os elementos corporais necessários para a comunicação oral, tais como gestos, mímica, entonação expressiva, proximidade com o interlocutor.
- c) Conhecer os hábitos sociais não-verbais relacionados com os usos sociais, como, por exemplo, a visita de um amigo íntimo sem aviso prévio, que, dependendo da cultura, poderá demonstrar falta de cortesia
- d) Conhecer as noções que compreende um povo, como, por exemplo, tempo, espaço específico, os quais diferem entre as culturas.

e) Por último, Cantonet (op.cit.) cita um conhecimento vinculado a aspectos axiológicos que supõe o conhecimento do sistema de valores de uma cultura. Ferreira,(1998) chama esse conhecimento de implícito cultural, que, segundo ele, são lacunas que ocupam determinados espaços lingüísticos em que o falante nativo consegue preencher naturalmente. Outros estudiosos denominam de signos de experiência muda, pois, embora a cultura esteja presente na vida, determinando o curso de todos, não somos conscientes da origem nem da persistência das práticas culturais.

1,2)O Relato da Experiência

1,2,1)A didática do ensino

O ensino seguiu a didática de orientação construtivista, em que o professor é o responsável por expor os temas e dirigir as discussões a partir dos materiais informativos que ele traz para a sala de aula, levando em consideração o abrangente espectro dos conhecimentos prévios de cada aluno, pois a turma é composta em média por 12 estudantes de diversas nacionalidades (França, Finlândia, Espanha, Alemanha e Inglaterra), envolvendo diferentes níveis de domínio da Língua portuguesa.

1,2,2)A estratégia

As aulas de Cultura Brasileira, com periodicidade de uma vez por semana, têm duração de 2h contínuas e é dividida em três etapas: A primeira etapa, com duração de 30 minutos, é baseada pelos referentes prévios dos alunos. Uma segunda etapa, com duração de 1h, envolve os textos a serem discutidos a partir da realidade brasileira, e, por último, com duração de 30 minutos, a produção oral ou escrita dos alunos sobre o determinado tema.

Etapa 1

Para a discussão sobre o preconceito racial no Brasil, optamos, inicialmente, por abrir a discussão tentando conhecer os preconceitos nas regiões de cada aluno. Então, todos ouviram um pouco sobre os problemas dos argelinos na França, mencionados pelos franceses, dos Ciganos, citado pelo aluno espanhol, dos antigos nativos escandinavos, pela Finlandesa, e dos Paquistaneses pelos ingleses.

Etapa 2

Parte 1

Após conhecermos cada realidade, ainda que superficialmente, apresentamos um texto de um antropólogo brasileiro, em que mostra a diversidade étnica que compõe a raça negra e de como os Portugueses se utilizaram desta diversidade para subjugar-los, pois as distintas culturas possuíam distintas línguas e assim, dificultando a comunicação entre escravos no interior das senzalas, diminuiria a incidência de rebeliões e revoltas escravas no período colonial.

Parte 2

Logo depois, apresentamos o olhar de um antropólogo estrangeiro sobre os elementos da cultura afro no Brasil a partir do texto "*Negro, macumba e futebol*" do Alemão Anatol Rosenfeld. Neste texto, o autor vai fazer sua explanação a partir da comparação entre o racismo nos Estados Unidos e no Brasil, defendendo o argumento de que o racismo é brando em nossas terras.

Parte 3

Nesse momento, já tendo o mínimo embasamento histórico do processo escravista que ocorreu no Brasil e conhecendo o ponto de vista antropológico tanto de um olhar estrangeiro como de um Brasileiro sobre o tema, expomos alguns dados estatísticos que fornecem um quadro da situação econômica e social da maioria negra no Brasil, em que reflete a dificuldade imposta a eles em chegar à educação superior e em ocupar cargos de maior poder aquisitivo.

Etapa 3

A partir das leituras sugeridas e das discussões de cada realidade específica em seus referidos países, partimos para ouvir oralmente o julgamento de cada aluno da realidade brasileira através de um questionamento.

Você enxerga preconceito racial entre seus amigos brasileiros? Em que ponto sua análise se aproxima ou se distancia do ponto de vista de Anatol Rosenfeld a respeito dos Brasileiros.

1,2,3)A discussão

A aluna finlandesa foi a primeira a falar: “acho que existe um preconceito escondido(...) nas capas de revistas femininas, nas propagandas(...) “todas manequins são muito brancas(...) dificilmente se vê um negro ou um mestiço”. A inglesa interrompe. “Eu fui numa festa e um rapaz chamou meu amigo de negão. –Fala aí negão... e eles conversavam tranquilamente. Eu não sei se o que ele falou abalou meu amigo(...) acho que os negros daqui tem baixa auto-estima”. O francês relatou que não havia percebido preconceito racial no País, mas que pelas estatísticas não dava para negar que existe preconceito com os negros.

Após termino da aula, ouvimos uma aluna da turma que é filha de francesa com um senegalês: “Eu conversei com muitos africanos que chegam no Brasil. Pelo menos aqui, eles se sentem em casa(...) falam de como o Brasil se parece com a terra deles”.

1,2,4)Considerações sobre os alunos

Considerando que a maioria dos alunos tem a idade entre 23 a 26 anos e que o tempo de estadia deles no Brasil no período em que foi discutido o assunto não ultrapassava os quatro meses, é importante observar que ainda lhes faltava um conhecimento mais depurado das estruturas culturais profundas do Brasil. Isso refletia na língua, como no caso da aluna inglesa que não conseguia entender a possibilidade de um branco chamar um amigo negro de “negão” sem estar expressando um sentimento racista.

Por outro lado, a possibilidade de conhecer a cultura de um país estrangeiro através de seus próprios paradigmas culturais permite ao indivíduo questionar, entender e formular compreensões mais profundas acerca de seu país de origem e assim ele consegue por associações ou divergências entender melhor o outro. Desta forma foi que a Finlandesa conseguiu compreender as sutilezas do preconceito racial no Brasil.

1,2,5)Considerações finais.

A compreensão lingüística estrutural da língua é importante para uma boa comunicação, mas é perfeitamente justificável os erros gramaticais numa interação intercultural. É comum encontrar falantes do espanhol conversando com falantes do português e ambos utilizarem uma língua mesclada, o “portunhol”. Da mesma forma, o “espanhlish” também é uma realidade presente nas regiões fronteiriças entre os Estados Unidos e México. Já o desconhecimento cultural pode proporcionar atitudes não condizentes com o outro, ocasionando o rompimento não só da comunicação verbal, mas da relação social em sua totalidade. Como diz Cantonet (op.cit.) conhecer as atitudes não-verbais de um determinado lugar permite que o estrangeiro não cometa deslizes e indelicadezas.

As questões que envolvem preconceitos estão intimamente ligados a cultura de um determinado povo. Na cultura Brasileira, dependendo da atitude corporal, da entonação e da proximidade afetiva com o interlocutor; é possível um indivíduo geneticamente mais claro chamar um afro-descendente de “negão” sem estar caracterizando uma atitude racista. No entanto, se o mesmo indivíduo chegar na Inglaterra e chamar um afrodescendente de “negro”, ele estará cometendo uma indelicadeza séria e dificilmente estabelecerá o contato e a comunicação verbal com ele.

Por fim, acreditamos que a forma e o andamento da aula foram suficientes para cumprir com os objetivos traçados. Houve envolvimento da turma, trocas de informações entre estudantes e professor além da prática oral durante a aula.

REFERÊNCIAS:

- FERREIRA, Itacira Araújo, **Perspectivas Interculturais na sala de aula de PLE.** – *Português Língua Estrangeira*. São Paulo, ed. Cortez, 1998.
- FREIRE, Gilberto de Melo, **Casa Grande e Senzala**, Brasília: Universidade de Brasília, 1963
- ROSENFELD, anatól, **Negro, Macumba e Futebol**, São Paulo: Perspectiva, 2007
- SAUSSURE, Ferdinand de, **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix ,1910
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da, **Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/aprendizagem de Português Língua estrangeira** *Português Língua Estrangeira*. São Paulo: Cortez, 1998
- XAVIER alice, JÚDICE, Norimar, **Imagens do Brasil: texto e contexto no ensino de Português Língua Estrangeira - Português Língua Estrangeira**. São Paulo: Cortez, 1998